

A UNEP

Necessidade histórica dos ESTUDANTES PORTUGUESES

DIRECÇÃO GERAL
DA
AAC

A UNEP, NECESSIDADE HISTÓRICA DOS ESTUDANTES PORTUGUESES

- Em 1962, ponto alto das lutas estudantis, os estudantes portugueses decidiram avançar para a criação de uma estrutura coordenadora a nível nacional. Era o Secretariado dos Estudantes Portugueses e um dos seus objectivos incluía a preparação da criação da União Nacional dos Estudantes Portugueses. Foi a brutal repressão desencadeada pelo governo fascista que impediu que este secretariado concretizasse os seus objectivos. No entanto os programas associativos aprovados pelos estudantes nas 3 Academias no período que vai de 1963 a 1967 incluem sempre nas suas bases programáticas a necessidade da criação de uma estrutura agregadora a nível Nacional - a UNEP. Em 1969 ano de grandes lutas nas escolas contra a repressão e por uma escola democrática, os estudantes a nível Nacional aprovaram um caderno reivindicativo de 9 pontos e entregar ao governo. Esse caderno que iria ficar na história do Movimento Associativo como "os 9 pontos de Coimbra" tinha um 7.º ponto que dizia:

- "7 - Legalização de órgãos federativos e lançamento das bases da União Nacional dos Estudantes Portugueses"

A UNEP (Comissão Nacional dos Estudantes Portugueses) constituída por elementos das 3 Academias mandatada para defender junto do governo as reivindicações dos estudantes, viria a desaparecer mais uma vez devido à violência de repressão fascista.

Se compreendemos que sempre nos pontos altos do Movimento Associativo com grandes movimentações de massas a tendência natural foi para criar estruturas unificadoras a nível Nacional, se verificarmos que um ponto em que a repressão fascista foi sempre excepcionalmente intransigente foi no impedimento à criação de estruturas federativas e nacionais dos estudantes,

fácil é compreender porquê em todos os programas associativos votados e aprovados depois do 25 de Abril estava incluído o ponto da criação da UNEP, porque as direcções Associativas no dia 2 de Junho se encontravam perfeitamente legitimadas para criar a Comissão Pró-UNEP. Com o 25 de Abril criaram-se finalmente condições para que os estudantes portugueses criassem a UNEP e alargassem o âmbito do M.A. à escala Nacional. Aquilo que foi um objectivo de luta no tempo do fascismo é hoje uma necessidade objectiva, imposta pelas novas condições políticas em que vivemos e que seria grave erro desperdiçar.

A Reforma Geral e Democrática do Ensino e participação dos estudantes na reconstrução do País, o reforço e alargamento do M.A., não se pode fazer com os estudantes paralizados e isolados escola por escola, Academia por Academia. O M.A. foi um poderoso Movimento Unitário das massas estudantis no tempo do fascismo, que desempenhou um importante papel no derrubamento da ditadura. Hoje, nas novas condições de liberdade o M.A. tem ainda um importante papel a desempenhar. A concretização de pontos tão importantes para os estudantes e para o País como a R.G.D.E. ou a reconstrução do País não poderá ser feita exclusivamente pelos estudantes integrados em estruturas políticas, ou por um Movimento Estudantil em que a discussão estéril entre os diversos grupos se substitui sistematicamente à acção das massas.

A existência de um forte movimento unitário das massas estudantis é essencial para a prossecução destes objectivos, ou seja, fortes AA.EE implantadas nas massas e uma organização a nível Nacional - a UNEP.

NÃO ÀS COLÓNIAS

QUE OS ESTUDANTES JULGUEM DO TRABALHO EFECTUADO PELAS AA.EE NO ÂMBITO DA COMISSÃO PRÓ-UNEP DEPOIS DE 2 DE JUNHO

- No dia 2 de Junho em Lisboa, convocado pela AEIST realizou-se um Encontro Nacional de Direcções das AA.EE, primeiro realizado em liberdade, e que decidiu por esmagadora maioria lançar desde logo a criação da UNEP. Considerando que a melhor forma de se desenvolver este trabalho seria a

vés de uma Comissão, constituída por um representante de cada uma das AA.EE do Ensino Secundário, Médio e Superior, existentes ou a criar, e que teria como objectivo, incentivar a criação de estruturas Associativas onde anteriormente não existiam, preparar um projecto de Estatutos para as Associações bem como a criação de UNEP. Em reuniões Nacionais de Direcções realizadas posteriormente, foram concretizados alguns dos seus objectivos, no que toca à realização das Campanhas de Alfabetização, à realização do Seminário sobre Democratização do Ensino, e à criação no âmbito da Pró-UNEP de vários departamentos: Pedagógico Económico-Social, Cultural, etc. Se hoje nos debruçarmos honestamente sobre o trabalho desta Comissão verificamos que:

18 As Campanhas de Alfabetização e Educação Sanitária foram um êxito, não só nos seus aspectos concretos de alfabetização, mas também pela grande contribuição que deram para quebrar o isolamento dos estudantes na relação ao Povo Português.

20 A ajuda que tem sido dada no âmbito desta Comissão para o fortalecimento do M.A., particularmente no Ensino Secundário, é indubitável. A criação de novas AA.EE, a difusão dos princípios do M.A., a elaboração do Projecto de Estatutos para as Associações de Estudantes, o Jornal "Pró-UNEP" são alguns exemplos de actividade neste domínio, que justificam por si sós o importante trabalho desta Comissão.

30 Foram dados importantes passos nos contactos com organizações estudantis de outros países, nomeadamente com a UNIÃO INTERNACIONAL DE ESTUDANTES (caso do Seminário sobre a Democratização do Ensino) que nos abre a grande perspectiva de integração futura na comunidade Internacional dos Estudantes, o que sempre nos foi vedado pelo fascismo.

40 O trabalho da Comissão Pró-UNEP propiciou que ao fim de poucos meses,

os estudantes portugueses, estejam em condições óptimas para iniciarem uma ampla discussão sobre a forma de constituição e o que virá a ser a UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES PORTUGUESES.

54 Foram criadas estruturas que propiciaram à A.A.E. um contacto mais directo e frequente com os órgãos do poder político, tendo-se conseguido nalguns casos uma colaboração muito proveitosa. Vamos o caso de ajuda material nas Campanhas de Alfabetização e de informação regular dos projectos do REC ao caso do Departamento Pedagógico.

QUAL O PAPEL QUE DESERPEM NO MOVIMENTO ASSOCIATIVO NESTE MOMENTO AS UEP(s), FREP(s) e UPEL(s)?

A Direcção Geral da A.A.E. tem participado activamente desde o princípio nos trabalhos da Comissão Pró-UNEP e em todos os encontros Nacionais de Direcções Associativas.

Podemos perguntar nesta momenta:

- Em que pontos ultrapassámos o programa aprovado pelos estudantes da Colabre?

- Em que pontos não fomos de encontro aos mais sentidos anseios da massa estudantil?

- Em que pontos violámos os princípios do Movimento Associativo?

- Será que a Comissão Pró-UNEP é uma mendra nas costas dos estudantes? Uma ameaça de um determinado grupo político (a nova R.P. como foi afirmado na reunião no Sal Vicente de 14/11/74) ou será que todas estas provocações não passam de padre que se tenta lançar aos alunos dos estudantes mais desprovenidos?

A D.G. da A.A.E. não ultrapassou o programa aprovado pelos estudantes da Colabre nem os princípios do M.A., quando deste congresso se trata "põe de pé uma organização estudantil à escala Nacional é uma tarefa prioritária".

A UNEP é uma exigência de todos os estudantes portugueses e corresponde ao estúdio actual do M.A. na nova situação política" e também "podará, além disso e de acordo com planos culturais do governo que vierem a ser definidos, a A.A.C. colaborar em Campanhas massivas de Alfabetização, promoção sanitária (...) iniciativas de divulgação cultural, ...etc." e ainda "Consideramos de importância prioritária a participação dos estudantes em Campanhas de solidariedade com os estudantes vítimas de regimes fascistas (...) etc. Entendamos que deve ser fomentada uma estreita colaboração com organismos internacionais de estudantes, especialmente a UTE (UNIÃO INTERNACIONAL DE ESTUDANTES)".

Pensemos entretanto que, mesmo que não se encontrasse no programa qualquer um dos pontos de trabalho da "Comissão Pró-UNEP", ela deveria ser levada a cabo pois as iniciativas lançadas no âmbito desta Comissão correspondem aos mais justos anseios da massa estudantil. A comprová-lo temos a grande participação nas suas iniciativas.

Então porquê as provocações institucionalizadas contra a Pró-UNEP e as A.A.EE que nela participam?

Isolados das massas estudantis onde nunca conseguiram apoio para nada, determinados grupelhos, frustrados por não conseguirem penetrar nas A.A.EE e transformá-las em contadas suas, onde poderiam, utilizando os meios técnicos, partença de todos os estudantes, fazer a sua propaganda partidária e sectária, tentam a todo o custo desvirtuar os princípios do M.A. destruir as Associações e impedir a criação da UNEP enquanto organização de âmbito Nacional funcionando segundo as normas do apertidarismo, arregligioidade, unioidade, democreticoidade e representatividade.

Se a conseguissem estaria aberto o caminho à grupusculização da massa estudantil, à defesa dos seus interesses do alto, estará conseguida a destruição do M.A. dos estudantes portugueses. Se o conseguissem a vida democrática nas escolas desapareceria, as A.A.EE não seriam mais do que

uma enorme arena onde alguns grupos se degladiariam e a grande massa dos estudantes assistiria ou se alhearia.

A criação de organizações, marginais em relação ao M.A., sejam elas "Federações Revolucionárias" ou "Unões Livres" não viriam mais do que, provocar a divisão entre os estudantes, impedir a construção de uma forte organização a nível Nacional com base nas AA.EE e assente nas mais ricas experiências de luta do M.A. como Movimento Unitário.

Não pretendem as AA.EE criar a UNEP nos costões dos estudantes. E como se compreenderia que o pretendessem se, o que se deseja, é uma organização firmemente enraizada nas massas estudantis?

No último encontro Nacional da Direcção realizado em Coimbra nos dias 9 e 10 de Novembro foram aprovados dois textos para discussão. São eles um projecto de Declaração de Princípios da UNEP e uma proposta que aponta o modo da criação e constituição da UNEP.

São propostas que têm que ser discutidas, corrigidas, modificadas. Elas são uma base de trabalho e discussão entre os estudantes portugueses.

A Direcção Geral da A.A.C. lança-as à discussão dos estudantes de Coimbra. É sobre elas que nos devemos debater e não sobre calúnias ou provocações.

PROPOSTA SOBRE A CRIAÇÃO DA UNEP

1. A UNEP é uma União Nacional de Estudantes englobando os estudantes do ensino superior, médio e secundário. Assim é muito mais que uma simples Federação de Associações. Deverá representar o M.A. no seu conjunto, englobando todas as suas actividades. O seu programa, e sua linha de acção não deverá ser o sumatório dos programas aprovados nas várias AA.EE. Como tal englobará ainda organizações autónomas que existem no âmbito do Movimento Associativo (Corais, Cine-Clubes, Grupos de Teatro, etc.).
2. A UNEP baseará o seu trabalho contido nas Associações de Estudantes

respeitando os seus princípios. Assim deve ser incentivado o trabalho tendo em vista a criação de estruturas associativas onde não existam, e em geral o reforço do M.A..

3. O lançamento da U.N.E.P. passe por uma ampla discussão nas escolas, as Sesiões de Curso e R.G.As., em que serão postas à discussão dos estudantes, todos os projectos de estatutos, declaração de princípios ou linhas programáticas que surgirem.

4. Reflectindo o resultado das discussões, deverão ser eleitos nas R.G.As. de cada escola, os delegados ao Congresso Constitutivo da U.N.E.P.. Nesta, devem estar presentes as estruturas associativas já existentes e os delegados de todas as escolas. Naquelas em que existirem estruturas representativas deve ser equitativo o número dos delegados eleitos, e os delegados das estruturas associativas.

5. Os projectos de programas e estatutos não necessitam de ser votados na R.G.A.. Os delegados ao Congresso da U.N.E.P., estando garantida a viabilidade de estarem presentes quaisquer estudantes eleitos nas escolas reflectir-se-á a riqueza do conteúdo do Movimento Associativo português.

6. A constituição da U.N.E.P. deverá ser feita num Congresso Nacional cuja participação garanta o nível de representatividade de este estudantil. O número de delegados deverá ser proporcional ao número de estudantes (1 por 500).

7. Deverão ser amplamente discutidos nas escolas os documentos aqui divulgados, para que no próximo Encontro Nacional, se verifiquem as viabilidades da realização do Congresso. Nesta sentido compete ao Encontro Nacional da Direcção a convocação do Congresso Constitutivo da U.N.E.P..

8. Considerando as A.A.E.E., que nesta fase inicial, atendendo às debilidades organizativas do ensino secundário, estas não devem ser já integradas na U.N.E.P., deixando essa concretização a realização de um Congresso ou reunião semelhante dos estudantes do ensino secundário, em que depois de amplamente discutido por estes, seja decidida a sua in-

tegração na União Nacional dos Estudantes Portugueses.

ADENDA:

Consideram as AAEE, que na U.N.E.P. devem estar englobados os estudantes do ensino secundário, devendo as suas estruturas associativas, através da criação dos departamentos específicos, promover e incentivar a integração gradual dos estudantes do E.S.. A integração formal será sómente feita após deliberação destes. As direcções das AAEE tudo farão para que na prática nunca os estudantes do E.S., sejam desligados das movimentações em geral e da futura U.N.E.P..

DECLARAÇÃO DE PRINCIPIOS DA UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES PORTUGUESES

(Projecto para discussão)

A União Nacional dos Estudantes Portugueses vai finalmente constituir-se, comprovando o forte organizado do M.A. á escala nacional, resultando das grandes tradições de luta anti-fascista dos estudantes portugueses, culminando as aspirações da unidade fraternal entre todos os estudantes, correspondendo á nova situação política nacional, a U.N.E.P. vai finalmente tornar-se realidade.

A U.N.E.P. surge hoje, mas resulta de um trabalho de há longos anos. Sempre nos pontos altos do Movimento Associativo, em que grandes movimentações de massas mobilizavam milhares de estudantes, a criação da U.N.E.P. como necessidade presente (Lisboa 62, Coimbra 69).

A U.N.E.P. é depositária fiel das melhores tradições do Movimento Associativo. Das grandes lutas pela Liberdade de Reunião e contra a guerra colonial, que atingiram a sua expressão máxima em numerosas greves e manifestações de rua. Das grandes lutas pelo direito de Associação e pela Liberdade de Expressão. Das abnegadas actividades que á luta estudantil desam o melhor dos seus esforços. Das corajosas movimentações contra a repressão e o terror fascista. Dos assassinatos e prisões arbitrarias de Estudantes. Da luta por melhores condições de ensino e em defesa das Associações de estudantes.

A U.N.E.P. é uma organização nacional. Porque engloba os estudantes

dia todas as escolas superiores, médias e secundárias do país. É a única organização representativa dos estudantes, porque parte do Movimento Associativo, parte das suas tradições unitárias, parte da insubstituível de que as AAE, são as únicas estruturas representativas dos estudantes de cada escola.

Na U.N.E.P. cabem todos os estudantes sem distinção de condições económicas, nível social, convicções políticas, sexo, religião, cor ou raça.

A U.N.E.P. reger-se pelos princípios do Movimento Associativo-Democrático: Unicidade, Apartidarismo, Areligiosidade, Representatividade. Princípios antes forjados na luta, hoje vivos e actuais. Eles garantem a possibilidade de todos os estudantes verem os seus múltiplos interesses defendidos. As suas posições serão resultado de expressão inequívoca das mensagens estudantis.

A criação da U.N.E.P. torna-se hoje possível graças às profundas transformações políticas ocorridas no nosso país após o 25 de Abril. Se para o derrubamento da ditadura fascista muito contribuiu a luta dos estudantes, hoje na luta pela instauração de um regime verdadeiramente democrático, exige-se de nós o mesmo contributo.

Os estudantes são novamente chamados a estar ao lado das massas populares neste complexo processo de democratização e descoltização.

Barrando-se o caminho à reacção, e levando a cabo medidas contra os grupos monopolistas e grandes latifundiários - base social do fascismo - o que permitirá também das condições de vida das massas trabalhadoras, abra-se condições para a instauração a curto prazo de um regime verdadeiramente democrático.

A U.N.E.P. reflecte as aspirações democráticas dos estudantes, ganhas e renfrendadas ao longo da ditadura fascista, e após o seu derrubamento, na luta pela liberdade e independência nacional, pela progressiva económica e social, e pela paz e segurança de todos os povos.

liamos o neo-colonialismo, a reacção e o fascismo a todas as formas de discriminação.

A U.N.E.P. guia a sua acção pelo lema "Unidade Estudantil com o Povo Trabalhador".

Já posta à prova a sua correcção com as Campanhas de Alfabetização e Educação Sanitária, iniciativas das AAEF coordenadas pela Comissão Pró- U.N.E.P., ele indica a via a seguir.

Através de iniciativas unitárias de massas, que promovam a ligação dos estudantes à realidade nacional, permitindo a sua participação transformadora de combate à herança legada pelo fascismo - os estudantes dão o seu contributo à reconstrução do país, o movimento estudantil insere-se no movimento popular.

A democratização do ensino é parte integrante da democratização do país. Transformar as escolas e universidades, transformar o ensino e a cultura, colocá-los ao serviço do povo português - tal é o maior objectivo do Movimento Associativo. Como metas a alcançar: o acesso ao ensino dos filhos das classes trabalhadoras, em especial ao superior; o fim do analfabetismo; a desvinculação e uma ideologia reacçãoária e o fim da submissão à tutela dos monopólios e do imperialismo; a ligação do ensino teórico à prática profissional e social; a criação de verdadeiros centros de irradiação de cultura popular.

A U.N.E.P. permite ainda dar satisfação às múltiples necessidades dos estudantes:

- PROBLEMAS PEDAGÓGICOS - O levar a cabo a democratização do ensino bem como participar na definição da política educacional.
- PROBLEMAS SOCIAIS - Como alimentação, alojamento, serviços.
- PROBLEMAS CULTURAIS - Como teatro, música, ligadas à arte e cultura populares.

- PROBLEMAS DESPORTIVOS - Encarando-os numa perspectiva de massas.

- PROBLEMAS DO ESTUDANTE-TRABALHADOR - Horários pós-laborais, cumprimento da legislação específica.

- PROBLEMAS ECONÓMICOS - Como redução de propinas, aumento de bolsas e subsídios.

- AMIZADE E INTERCAMBIO - Entre os estudantes do país, entre estes e os jovens trabalhadores, entre a juventude estudantil e os povos de todo mundo; integração na comunidade estudantil internacional através da U.I.E..

Qualquer que seja o ângulo em que estes problemas sejam examinados, adquirem verdadeira dimensão, e apenas podem ser resolvidos num âmbito global, à escala nacional.

A União Nacional dos Estudantes Portugueses vai finalmente constituir-se. Surge da acção das AAEE, da vontade expressa pelas massas estudantis em todos os cantos do país, duma ampla agitação e discussão. A sua formação nasce de amplos debates e reuniões à escala nacional, cujo culminar se traduz nas posições assumidas pelas centenas de delegados representativos de todas as escolas do país, presentes neste Congresso.

A U.N.E.P. é a concretizar de uma aspiração do movimento estudantil hoje tornada realidade.

A sua criação comprova a força e vitalidade do Movimento Associativo dos Estudantes Portugueses.

AOS ESTUDANTES PORTUGUESES

O povo transformou o domingo de trabalho numa grande jornada de alegria. De apoio ao Governo Provisório e ao MFA, de inequívoca adesão à construção da democracia. Constituindo uma magnífica prova da vontade popular, de norte a sul do país o povo correu fileiras para defender as conquistas já alcançadas, para travar o passo à reacção contribuindo para a reconstrução nacional.

Os estudantes portugueses também deram a sua adesão a esta iniciativa. Convocados pelas AAEE, em Lisboa Porto e Coimbra, os estudantes saíram à rua. Noutros locais, consoante as suas condições específicas, os estudantes trabalharam nas escolas ou incorporaram-se nas brigadas populares. Apesar de convocados à última-hora, e de terem existido algumas deficiências de organização, pode-se dizer que para os estudantes, a jornada de domingo, foi um êxito, foi mais um passo para o reforço da "Unidade Estudantil com o Povo Trabalhador".

Em Lisboa, várias centenas de estudantes concentraram-se em Medicina, no Técnico, Agronomia, Industrial. Daí partiram para os bairros de lata (Musgueira, Alto de S. João, Casal Ventoso e Buraça).

Trabalharam, contribuíram para a remoção de lixo, para a limpeza e higienização dessas zonas, confraternizaram com a população. Entusiasticamente recebidos por todo o lado em alguns locais, autênticos piqueniques se realizaram. Esta uma grande lição do caminho que temos a prosseguir. Noutros locais, como em Direito centenas de estudantes concentraram-se na escola para preparar o início da actividade escolar, realizando ainda um colóquio sobre (a situação da mulher).

Em Coimbra, em colaboração com o Mov. Democrático, os estudantes trabalharam no sector público, na limpeza da cidade e demolição de prédios velhos.

No Porto, várias centenas de estudantes colaboraram na limpeza da cidade, correspondendo ao apelo das Associações de Estudantes.

A hora é de acção! O 1º Ministro Vasco Gonçalves no Porto fez um significativo apelo à massa estudantil, à nossa responsabilidade e espírito de sacrifício, ao valor do nosso trabalho e do contributo que podemos dar na consolidação da democracia e na reconstrução nacional.

A juventude e os estudantes constituem um destacado sector social, cuja acção crítica e construtiva é essencial na vida de um país, que se pretende transformar radicalmente. Dispostos à acção nas escolas como nas ruas tal como no passado, e conscientes do momento histórico que presentemente se vive em Portugal, os estudantes portugueses saberão estar à altura das suas responsabilidades políticas e sociais.

UNIDOS, inseridos no Mov. popular e democrático, daremos o nosso contributo para a construção de um Portugal livre e democrático.

Lisboa, 8 Outubro 1974

A COMISSÃO PRÓ-UNEP